

OUTROS MODERNISMOS: “VESPERAIS LITERÁRIAS” – PALESTRAS DOS NOVOS

Stela de Castro Bichuette*

Resumo: Este artigo busca retratar um aspecto desconhecido do modernismo carioca nas primeiras décadas do século XX. O ponto de partida serão as conferências que ficaram conhecidas como “Vesperais Literárias” realizadas em 1921, na Biblioteca Nacional. A proposta é entender o intuito daquelas palestras e como elas se relacionavam com o projeto estético e ideológico de seu idealizador, o escritor Adelino Magalhães.

Palavras-chave: modernismo carioca; “Vesperais Literárias”; Adelino Magalhães.

■ **A** época das “Vesperais Literárias”, o Rio de Janeiro, então Capital Federal, que já havia passado, nos primeiros anos do século XX, pelas reformas urbanas de Pereira Passos e tentava agora se adaptar à nova ordem por meio do processo de aburguesamento socioeconômico, era tido como centro cultural e literário do país. A boêmia dourada das confeitarias e cafés aos poucos ia se dissolvendo ao passo que aumentava o surgimento de agremiações. Um dos intuitos dessas agremiações era o de formar as redes de sociabilidade entre os intelectuais e escritores e, assim, fortalecer o seu mundo intelectual.

Os jovens escritores dos Estados vinham ao Rio, de acordo com Brito Broca (1960, p. 232), em busca de fama e da publicação de seus livros, visto que a profissionalização começava a ganhar escopo e, por essa razão, eles tinham a possibilidade de viver de sua arte. Na maioria das vezes, essas ambições literárias não se concretizavam e restava, a esses intelectuais, o recurso de unirem-se

* Doutoranda em Letras /Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

nas chamadas “rodas literárias” secundárias. As “rodas literárias”, de que fala o estudioso, justificavam-se para que os jovens pudessem desempenhar uma “vida literária” minimamente expressiva e digna. A historiadora Ângela de Castro Gomes (1999, p. 42) ratifica argumentando que

[...] o intelectual e, no caso, o intelectual-artista, que experimenta uma especialização acentuada, precisaria ser pensado como um doublé de teórico da cultura e de produtor de arte, inaugurando formas de expressão e refletindo sobre funções e desdobramentos sociais que tais formas guardariam. O esforço de inovação e a consciência explicitada desse esforço eram, inclusive, muito grandes nestes inícios do século.

As conferências vespertinas no inverno de 1921 foram uma iniciativa do escritor Adelino Magalhães, já conhecido nas rodas literárias da época, tendo publicado *Casos e impressões*, em 1916, *Visões, cenas e perfis*, em 1918, e *Tumulto da vida*, em 1920. As palestras transformaram-se nas “Vesperais Literárias” que movimentaram os sábados de julho a setembro daquele ano. Mais tarde, elas foram incorporadas pelo Centro de Cultura Brasileira, fundado também por Adelino Magalhães.

Junto a Adelino Magalhães, outros nomes fizeram parte da promoção das “Vesperais Literárias”. Eram os dos jovens moços que já tinham uma certa trajetória junto à constelação de intelectuais, escritores e jornalistas que compunham a vida cultural, política e artística do Rio de Janeiro. O grupo de frente das conferências vespertinas foi aquele que, mais tarde, fundou a revista modernista *Festa*, como Murilo Araújo, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, entre outros. Muitos deles também, anteriormente à *Festa*, tomaram parte no projeto de Adelino Magalhães no Centro de Cultura Brasileira, agremiação que nasce das “Vesperais Literárias” e que as incorpora em seu projeto nacionalista. A revista *Festa*, portanto, conclui um processo que já estava em formação desde muitos anos antes dentro do grupo intelectual que a fundaria.

Tanto as “Vesperais Literárias”, com as suas conferências, quanto o Centro de Cultura Brasileira e seu idealizador, Adelino Magalhães, foram sendo apagados pouco a pouco pelo tempo. Sobre isso, vale salientar como o poder das instituições, sejam elas sociais, econômicas ou acadêmicas, aparece de forma bastante explícita nos discursos que elas produzem e como esses discursos influenciam as produções intelectuais e artísticas a elas contemporâneas e as seguintes. Tal apontamento leva em conta que ideias de muitos textos científicos ou obras literárias circularam e ainda circularão por longos anos e serão tidas como as sacralizadas, valiosas ou de interesse para aquela sociedade.

A literatura se legitima e se fortalece por meio dos mecanismos institucionais. É quase unânime falar que alguns autores, obras ou teóricos influenciam mais do que outros. O cânone, portanto, é responsável pelo gosto literário, pelos autores que serão estudados, pelos gêneros que serão privilegiados. Por outro lado, cabe aos estudiosos das áreas refletir sobre a confirmação ou refutação dessas ideias e como elas poderão ser reavaliadas em revisitações ao tempo e ao espaço em que os discursos foram produzidos. Para compreender a ligação que há entre o que determina o poder institucional e o que se produz, são importantes as considerações de Michel de Certeau (1988, p. 17):

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, por mais longe que entendamos, capazes de apagar a particularidade do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde faço representar as questões gerais, essa marca terá a forma do idiotismo: meu dialeto demonstra minha ligação com um certo lugar.

Talvez seja possível dizer que todo texto científico/intelectual depende de seu lugar de produção, bem como da época em que foi elaborado. Por mais que seus autores tentem dar um caráter imparcial a essas circunstâncias, elas, a saber, tempo e espaço, estarão intrinsecamente correlacionadas com as produções. Cearteau demonstra a necessidade de refletir acerca dos métodos de análise dos textos científicos, ligando estes necessariamente a seu lugar sociotemporal no momento em que foram elaborados. Dessa forma, a relação entre o próprio lugar sociotemporal e o discurso que dele se irradia se torna quase inseparável, pois os interesses socioeconômicos, políticos e culturais estarão intimamente ligados à utilidade e aos privilégios que tais discursos possam vir a produzir. Não menos importante, dentro desse contexto, é o papel legitimador da instituição, uma vez que é pelo reconhecimento que provém dela e da aprovação efetivada por seus “pares” que esse discurso será abonado e, sobretudo, encontrará razão de ser.

Nesse sentido, o lugar sociotemporal institucionalizado, no qual um texto começa a ser esboçado e depois toma vida e, posteriormente, passa a ser veiculado com o aval desse mesmo lugar, não pode ser desconsiderado, já que a instituição em função da qual esse texto é produzido está fixada num tempo e num espaço também historicamente estabelecido. Assim, essa instituição assumirá valores, ideias, interesses, pressões do mundo ao seu redor e, por isso, o saber que nela se produz obviamente espelhará grande parte desses elementos que a concretizam.

Fatalmente, como afirma Cearteau (1988, p. 22): “é impossível, portanto, analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função da qual ele é organizado em silêncio”. Ou seja, a leitura de qualquer texto – para Cearteau texto histórico – não pode estar desprendida de um viés crítico e também de um outro aspecto fundamental: que é a possibilidade de repensar esses textos buscando aquilo que não está explicitamente em seu âmago. A esse ato de eleger alguns aspectos antes que outros dentro dos textos científicos, Cearteau nomeia de *não dito*, ou seja, as escolhas antecedem a confecção do produto que mais tarde aparecerá como fonte de pesquisa e crédito ou então de completo insucesso.

Logo, fica evidente que a instituição de onde parte a grande maioria das informações que serão consideradas de peso dentro do âmbito intelectual deve, necessariamente, ser uma instituição de reconhecimento. O fenômeno literário também sofre com o peso institucional. Para refletir acerca da condição institucional da literatura, Carlos Reis (2001), em “A literatura como instituição”, analisa três fatores que podem ajudar a compreender a definição institucional da literatura: dimensão cultural, dimensão histórica e dimensão estética. Na esfera dos estudos literários, o papel sacralizador desempenhado pelas instituições tem forte impacto sobre a literatura.

Por outro lado, sem o papel legitimador das instituições acadêmicas, o saber científico não teria o grau de reconhecimento e credibilidade que se dá a ele. Sobre a instituição, Reis (2001, p. 26) afirma que

[...] pode sugerir mentalidades e comportamentos eminentemente estáticos, fortemente hierarquizados e pouco propensos à inovação; por outro lado, também é certo que a feição institucional de certas entidades confere-lhes solidez histórica, bem como reconhecimento público, fatores decisivos para a sua afirmação no plano social.

Para Reis (2001, p. 40), a caracterização do fenômeno literário de um ponto de vista sociocultural se dá quando a concepção de literatura é entendida “como prática constituída e definida com base em *critérios sociais*” (REIS, 2001, p. 40), ou ainda quando a literatura serve como instrumento de intervenção social.

A partir dessas reflexões, entende-se que as conferências das “Vesperais Literárias” e o grupo que idealizou tal empreitada compõem uma ala do modernismo carioca pouco explorada atualmente e, decerto, se o fosse, isso ajudaria na cartografia de outras nuances modernistas possíveis que, no entanto, ficaram perdidas no tempo. Sabe-se que o modernismo brasileiro possui vários vetores ainda a serem estudados, e voltar os olhos a essas fontes primárias possibilita compreender outras concepções ideológicas e artísticas de um grupo de intelectuais que faziam parte de um espaço envolto por vários focos estéticos, políticos e sociais diferentes. Segundo Ângela de Castro Gomes (1999, p. 88), a ocorrência de vários segmentos distintos nas primeiras décadas do século XX deve-se ao fato de que a existência de conflitos de ordens política, social e literária entre os intelectuais não era casual; tais querelas reforçavam o questionamento dos problemas enfrentados pelo país que procurava, naquele momento, identidade e modernidade, e, ainda, que as

[...] idéias modernistas no Rio precisariam ser analisadas à luz das referências construídas pela própria rede de intelectuais cariocas. Portanto, é no bojo dessas tradições intelectuais que as idéias de modernidade e os projetos de modernismo se instalam e circulam no Rio, postulados, debatidos e reinventados por grupos organizados a partir de vivências e propostas muito diversificadas.

A primeira chamada na imprensa da época para as palestras que movimentariam o inverno carioca e que ocorreriam nos salões da Biblioteca Nacional apareceu na revista *Careta*, de 11 de junho de 1921. O título divulgado: “As palestras dos Novos”. Nos números seguintes da revista, as notas sempre destacam a brilhante iniciativa dos jovens e modernos escritores e intelectuais em não deixar cair no esquecimento nomes que fizeram parte da história literária do país. Na edição de 25 de junho de 1921, a série de palestras foi divulgada como o “Festival dos Novos”. Já no número do dia 23 de julho de 1921, novamente as “Vesperais” são tidas como “a brilhante série organizada pelos Novos”. Em 3 de setembro do mesmo ano, o título “Vesperial litteraria”, assim ortografada na nota da revista, enfatiza, mais uma vez, a “tarde de palestra organizada pelos ‘Novos’”.

A insistência pelos adjetivos “novos” e “modernos” corresponde à imagem que os organizadores da empreitada tinham na época, o que não impediu que

eles proferissem palestras para nomes considerados “conservadores” e “tradicionalistas”. No programa das “Vesperais”, vários nomes de escolas e de estilos diferentes: Hugo de Carvalho Ramos, Adolfo Caminha, B. Lopes, Mario Pederneiras, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Francisca Júlia, Gonzaga Duque, Azevedo Cruz, Antonio Lobo, Alphonsus de Guimarães, Marcelo Gama, Auta de Sousa, Ferreira de Araújo, Luís Delfino, Domingos Olímpio, Saturnino Meireles e Batista Cepelo.

Isso posto, percebe-se o peso da tradição literária na formação desses escritores considerados modernos, os quais reconhecem que essa mesma tradição não precisaria rimar com atraso. Fica manifesto, assim, que as palestras das “Vesperais” foram heterogêneas na reunião de seus nomes; a proposta de Adelino Magalhães e de seu grupo foi, às vésperas da eclosão da Semana de 22, um olhar mais brando e uma visita menos crítica ao passado literário.

Em artigo do *Jornal dos Debates*, de 18 de setembro de 1921, intitulado “Um pouco da crônica da vida literária”, Nestor Vitor, dissertando sobre as “Vesperais” e seu mentor, detém sua atenção nos dois pontos que acompanham a visão de arte de Adelino Magalhães: a querela entre os novos e os velhos e entre a tradição e a inovação. Vitor (1972, p. 187) analisa que o motivo pelo qual as “Vesperais” merecem a simpatia é porque estas não fazem “política literária na escolha das individualidades” e que o papel do organizador, Adelino Magalhães, era o de prestar o legítimo serviço à cultura do país. A análise de Vitor coloca em evidência a dinâmica entre o novo e o velho para Magalhães e é o próprio autor que sistematiza as faces dessa mesma dupla, refletindo:

Afinal, “novo” acaba sendo o velho de que nós vamos tendo conhecimento. Tão “futuro” me pode ser o que já se passou, e que vou saber. Por isso, talvez, é que não sinto nada de ancestral na paisagem pré-histórica: à medida que se me vai abrindo ela, tenho a impressão de que vou andando para diante, pelo tempo (MAGALHÃES, 1953, p. 754).

Resgatando prosadores e poetas, como os parnasianos e realistas, ou outros menos compreendidos como os simbolistas, ou, ainda, os escritores regionalistas, criticados, muitas vezes, pelos modernistas paulistas, as “Vesperais”, cada vez mais, se harmonizam com seu criador. O velho e o novo, o antigo e o moderno, o conservadorismo e o progressismo, a tradição e a modernidade, pontos de convergência entre Adelino Magalhães e seu espírito inovador, entre o homem que vê o passado e se projeta para o futuro.

As “Vesperais” tentam agrupar essa ideia de tradição e modernidade, entre os que foram e aqueles que estão chegando. Tudo isso é resumido por Vitor (1972, p. 188) como um total desprendimento de Magalhães quanto ao critério de escolha dos nomes “sem que a escola a que tenham pertencido os houvesse recomendado ou não recomendado, mas apenas o seu valor”.

Nessa linha argumentativa, vale colocar em evidência que contemporaneamente às “Vesperais”, Mário de Andrade, em São Paulo, iniciava a série de artigos, hoje clássicos, “Mestres do passado”. O que Adelino Magalhães e seu grupo fazem é o total oposto: eles propõem um olhar mais brando ao passado, sugerindo uma visita menos crítica aos nossos parnasianos, realistas e naturalistas. Por isso, Wilson Martins (1978, p. 188) aponta que as “Vesperais” foram “qualquer coisa comparável a uma ‘semana de arte’ abortada”.

A relação conflituosa, nem sempre velada, entre o grupo carioca e o paulista fica ainda mais estremecida logo após a Semana de Arte Moderna, como conta André Bueno (2005, p. 93):

Cariocas ou não, os intelectuais atuantes na antiga capital federal antes da Semana de Arte Moderna de São Paulo passaram a ser identificados por seus antagonistas como o Grupo do Rio. Designação que, ainda que involuntariamente, acaba por fazer notar que a idéia de ruptura proclamada pelo movimento paulista estava voltada, em grande medida, como apontou Mário de Andrade no depoimento “O Movimento Modernista”, de 1942, contra a hegemonia carioca na vida cultural nacional.

As palestras promovidas por Adelino Magalhães exaltando os mestres do passado exemplificam o lugar da tradição para esse grupo, ou seja, esta não era vista como algo retrógrado, mas no Rio de Janeiro “era no bojo dessas tradições intelectuais que as idéias de modernidade e os projetos de modernismo se instalam e circulam” (GOMES, 1999, p. 26). Ao resgatar nomes esquecidos desprezados pelos vanguardistas, as “Vesperais Literárias” promovem a discussão do antigo e do novo. Assim, é interessante notar, como mostra Gomes, que o debate modernista já existia no Rio de Janeiro e que seria necessária a inovação sem que as tradições fossem de todo abandonadas.

REFERÊNCIAS

- BROCA, B. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- BUENO, A. *O Brasil e os dias*. Estado-nação, modernismo e rotina intelectual. Bauru: Edusc, 2005.
- CARETA. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 677, 11 jun. 1921. Disponível em: <www.bn.br>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- _____. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 679, 25 jun. 1921. Disponível em: <www.bn.br>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- _____. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 683, 23 jul. 1921. Disponível em: <www.bn.br>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- _____. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 689, 3 set. 1921. Disponível em: <www.bn.br>. Acesso em: 3 abr. 2008.
- CEARTEAU, M. A operação histórica In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). *História: novos problemas*. Tradução Theo Santiago. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- GOMES, Â. de C. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- _____. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa*. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/lbr/toc/lbr41.1.html>>. Acesso em: 19 maio 2005.
- MAGALHÃES, A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.
- MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: USP, Cultrix, 1978. v. VI.

REIS, C. A literatura como instituição. In: _____. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2001.

VÍTOR, N. Um pouco de crônica da vida literária. In: _____. *Obra completa*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1972. v. 2, p. 187.

BICHUETTE, S. de C. Other modernisms: “Vesperais Literárias” (“Literary Afternoons”) – lectures of the new ones. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 2, p. 43-49, 2009.

Abstract: This article aims to examine an unknown modernist aspect in Rio de Janeiro in the first decades of the 20th century. The starting point will be the conferences that became known as “Vesperais Literárias” held in 1921, at the National Library. The objective is to understand the proposal of those conferences and how they related to the ideological and aesthetic design of its creator, the writer Adelino Magalhães.

Keywords: carioca Modernism; Vesperais Literárias; Adelino Magalhães.